

Conjuntura Eficiência da indústria brasileira aumentou 2,8% ao ano entre 1996 e 2000

Produtividade brasileira após a estabilização superou a do México

Denise Neumann
De São Paulo

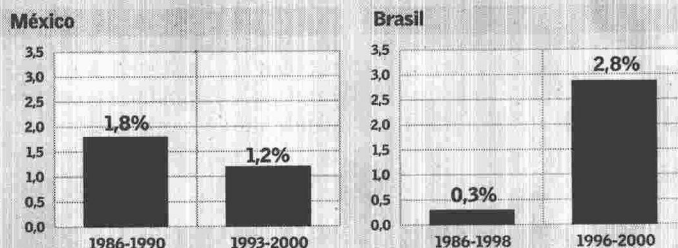
O crescimento da produtividade no Brasil foi surpreendente após a estabilização: alcançou a marca de 2,8% ao ano e superou em muito o desempenho do México na fase pós-abertura e formação do Nafta. Entre 1993 e 2000, a produtividade anual do México cresceu 1,2%.

Se o Brasil, além da estabilização, também tivesse aberto de forma mais agressiva sua economia, o resultado poderia ter sido ainda melhor. A produtividade anual das empresas com atuação no mercado internacional aumentou 3,8%, em média, no período 1996-2000. "Se o país tivesse procurado maior acesso a grandes mercados, como o dos Estados Unidos, os ganhos teriam sido mais expressivos", observa o economista Maurício Mesquita Moreira.

Junto com o colega Ernesto López-Córdova, ambos pesquisadores do Departamento de Integração e Programas Regionais do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), Moreira concluiu um estudo que investiga o papel da integração e do investi-

Brasil X México

Produtividade média anual em períodos selecionados



Diferencial de produtividade no Brasil

Tipo de empresa	Diferencial
Empresas multinacionais e locais	17%
Exportadores e não exportadores	6%
Usuários de insumos importados e não-usuários	5%

Fonte: Maurício Mesquita Moreira e Ernesto López-Córdova

mento direto nos ganhos de produtividade no Brasil e no México. Os dados analisados consideraram a produtividade total dos fatores e não apenas do trabalho.

Moreira está convencido de que a formação da Área de Livre Comércio das Américas (Alca) pode ser uma oportunidade muito grande para as empresas brasileiras se a negociação seguir um caminho que contemple o interesse de todos os países envolvidos. A in-

dústria brasileira, diz ele, não tem o que temer e a comparação dos ganhos de produtividade entre Brasil e México são, para ele, um sinal da capacidade de reação da empresa local. A produtividade brasileira cresceu mais também porque a mão-de-obra local é mais qualificada, diz Moreira.

No período anterior à estabilização e à abertura econômica, o Brasil colheu resultados muito ruins. Entre 1986 e 1998, na mé-

dia, a produtividade brasileira evoluiu apenas 0,5% ao ano. No México, entre 1986 e 1990, o ganho anual foi de 1,7%, superior, inclusive aos ganhos mexicanos pós-Nafta. Esse foi o período em que os mexicanos realmente abriram sua economia, lembra Moreira.

Brasil e México tiveram trajetórias de abertura econômica muito distintas. No México ela foi muito mais rápida. A tarifa média mexicana era de 28,5% em 1985 e caiu para 11,4% em 1993. A partir daí, passou a ser zero para os Estados Unidos e Canadá, países como o qual o país formou o Nafta e onde está concentrado 78% de seu comércio exterior: 91% das exportações e 66% das importações.

O Brasil tinha uma tarifa muito maior — 52% — em 1987, que chegou a 9,9% em 1994 e voltou a subir após a crise mexicana em 1995. Em 2000, a tarifa média brasileira era de 12,9%. Também um acordo regional, o Mercosul, fez com que o Brasil tivesse uma tarifa zero válida para parte de seu comércio. Mas ao invés do México, que mantém 78% submetido a tarifa zero por causa do Nafta, o Brasil mantém tarifas tão baixas para uma parcela muito inferior do seu comércio ex-

terno. O Mercosul respondeu, em 2000, por apenas 10% do comércio exterior brasileiro.

O México, diz Moreira, sofreu uma "pressão competitiva muito maior". O resultado é que o México é hoje uma economia muito mais aberta que a brasileira. A participação das importações na indústria mexicana somou quase 30% em 2000, sem considerar as maquiladoras. No Brasil ela ficou em 20%. Nas exportações, o percentual é semelhante: 19%, também sem contar as maquiladoras mexicanas.

Moreira observa que o trabalho confirmou que há uma relação muito forte entre abertura e produtividade. No caso brasileiro, o estudo dos dois economistas revelou que um ponto percentual de redução nas tarifas de importação permite um aumento de 0,1% no nível de produtividade e um ponto percentual de aumento na participação das importações na produção local permite outro aumento de 0,1%. Para o México, a concorrência dos importados teve impactos mais positivos na produtividade: ela permitiu ganhos de 0,4% e 0,5%, respectivamente, para os mesmos níveis de redução tarifária e aumento na penetração de importados.